



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

CICLEIDE TEREZA DA SILVA

**ENSINO DE HISTÓRIA E O TRATO COM A HISTÓRIA LOCAL: UM OLHAR A
PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS EM QUATRO ESCOLAS
MUNICIPAIS DE JACARAÚ-PB**

**GUARABIRA
2017**

CICLEIDE TEREZA DA SILVA

**ENSINO DE HISTÓRIA E O TRATO COM A HISTÓRIA LOCAL: UM OLHAR A
PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS EM QUATRO ESCOLAS
MUNICIPAIS DE JACARAÚ-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura.

Área de concentração: Prática de Ensino.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno.

**GUARABIRA
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586e Silva, Cicleide Tereza da
Ensino de história e o trato com a história local: [manuscrito] :
um olhar a partir das experiências vivenciadas em quatro escolas
municipais de Jacaraú-PB / Cicleide Tereza da Silva. - 2017.
38 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: João Batista Gonçalves Bueno, Departamento de
História".

1. Prática Docente. 2. Ensino de História. 3. Escola. 4.
Aluno. I. Título.

21. ed. CDD 371.9

CICLEIDE TEREZA DA SILVA

**ENSINO DE HISTÓRIA E O TRATO COM A HISTÓRIA LOCAL: UM OLHAR A
PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS EM QUATRO ESCOLAS
MUNICIPAIS DE JACARAÚ-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura.

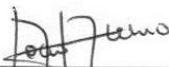
Área de concentração: Prática de Ensino.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno.

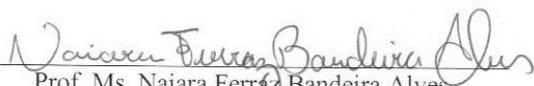
Área de concentração: Prática de Ensino.

Aprovada em: 30/04/2027.

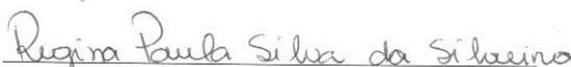
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Naiara Ferraz Bandeira Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Regina Paula Silva da Silveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha FAMÍLIA, pela dedicação, companheirismo
e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. João Batista Gonçalves Bueno pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

À Ms. Naiara Ferraz Bandeira Alves, coordenadora do curso de Graduação, por seu empenho.

Aos meus pais, pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares, embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

Aos professores do Curso de Graduação da UEPB, em especial, Dr^a. Marisa Tayra (*in memoriam*), Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto, Dr. Juvandi de Souza Santos e Dr^a. Edna Maria Nóbrega Araújo, que contribuíram ao longo de sessenta meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos meus professores do fundamental II, Maria das Graças Dias e Luiz Gonzaga, meus amigos e incentivadores.

Ao Ms. Gildivan Francisco. Obrigada pela presteza e atendimento quando me foi necessário.

Aos colegas de classe Weverton Alexandrino, Eronalda de Santana, Augusto Borges e Wagner Pereira pelos momentos de amizade e apoio.

“Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda.”

Paulo Freire.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	MINHA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA	10
3	EXPERIÊNCIA ENQUANTO GESTORA DA ESCOLA.....	14
3.1	Estrutura da escola e experiências desafiadoras.....	14
4	CONCLUSÃO	18
	REFERÊNCIAS.....	20
	ANEXO A – FOTOGRAFIAS DOS PROJETOS REALIZADOS.....	21
	ANEXO B – FOTOGRAFIAS DIVERSAS.....	30
	ANEXO C – CALENDÁRIO ESCOLAR DAS DATAS	
	COMEMORATIVAS.....	33
	ANEXO D – RELATÓRIO DE ENTREGA DA GESTÃO.....	34

ENSINO DE HISTÓRIA E O TRATO COM A HISTÓRIA LOCAL: UM OLHAR A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS EM QUATRO ESCOLAS MUNICIPAIS DE JACARAÚ-PB

Cicleide Tereza da Silva*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender o ensino de História como instrumento para a formação crítica do educando. Para tanto busquei analisar as dificuldades de se trabalhar os conteúdos de História com alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, em um estudo de caso comparativo entre a teoria e prática, embasado na minha experiência em quatro escolas municipais da cidade de Jacaraú, no Estado da Paraíba. Trata-se de uma tentativa de oferecer subsídios aos profissionais que procuram novas formas de atuar na disciplina de História, contribuindo para a formação crítica do educando, dando-lhes condições para resgatar as experiências do cotidiano, analisando-as e estabelecendo relações entre elas, numa dimensão espaço-temporal. Teoricamente, recorreremos a autores como Bittencourt (2009) e Freire (1997) para alicerçar as reflexões empreendidas no presente artigo. A atuação enquanto gestora e professora de História permitiu compreender a necessidade de construir práticas educativas que estejam de acordo com as realidades, vivências e local dos discentes, bem como da comunidade na qual a escola é situada. Mas do que alunos que decoram conteúdos, é importante constituir cidadãos que tenham a habilidade de problematizar e questionar as suas realidades históricas e sociais

Palavras-Chave: Prática. Ensino. Escola. Aluno e professor.

1 INTRODUÇÃO

Sou acadêmica da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, do curso de História. Vivi meus anos letivos iniciais na cidade de Salgado de São Félix-PB na Escola Municipal Francisca Marcelina de Sales localizada no sítio Canto Alegre III, onde aprendi a ler. Essa foi uma das melhores épocas de minha vida em que mesmo em meio a todas as dificuldades financeiras, meus pais sempre me ensinaram que os estudos eram o caminho que eu deveria seguir. Sendo filha de agricultores e excluída da sociedade por não compor o estereótipo imposto pela mesma, percebi que deveria fazer algo por mim e por quem tanto me ama: meus pais.

* Aluna de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. Email: cicleidedp@hotmail.com

Sempre estudei em escolas públicas e carregava a obrigação de me superar todos os dias para poder ao menos ter uma parte dos sonhos concluídos que seria, no futuro, cursar uma universidade. Mesmo em meio a toda dificuldade enfrentada por professores e nós alunos de escolas públicas, onde é exigido mais do professor e do aluno, senti muitas barreiras, mesmo assim não deixei que isso fosse um obstáculo na minha vida e meu desejo era de fazer uma faculdade, e poder me manter financeiramente com essa formação e ajudar também a vida de meus pais. Na verdade, não tinha me imaginado, no primeiro momento, como professora de História, mas percebia que me sentiria bem tendo um contato próximo com as pessoas, e por isso fiquei na dúvida por muito tempo o que eu queria fazer no futuro, se Radialismo e/ou Jornalismo (duas paixões que ainda mantenho), Direito ou seguir o caminho da Docência.

Por um ano, estudei na escola Odete Antunes em Jaboatão dos Guararapes-PE, pois saí de casa aos 13 anos para trabalhar como doméstica naquele estado. Lá sempre estudei à noite e trabalhava o dia todo, além da distância entre o trabalho, a escola e minha casa, nunca pensei em desistir de estudar. Uma coisa era certa: a jovem humilde que estava longe da família, queria mudar de vida. Devido algumas circunstâncias retornei à Paraíba, mas ainda assim, trabalhando em um período para conseguir comprar os materiais escolares. O período da II fase, o antigo Ensino Fundamental, foi marcante na minha vida. Cursei os anos correspondentes na escola de Dois Riachos - distrito de Salgado de São Felix - PB, onde conheci profissionais que acrescentaram muito na minha vida e me ajudaram a encontrar o que realmente me fascina e seguindo a paixão e compromisso de alguns, cheguei à conclusão que eu teria que exercer a docência. Os anos seguintes percorrendo 30 min a pé valeram muito a pena. O tão sonhado momento de cursar as séries do Ensino Médio enfim chegaram. Fui transferida para a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ana Ribeiro localizada no centro de Salgado de São Félix – PB. Todo período do Ensino Médio cursei à noite e trabalhava como doméstica durante o dia. Fui reprovada no segundo ano do Ensino Médio, pois na época, o gestor da cidade perdera o mandato e com isso retirou os ônibus que beneficiavam os alunos da zona rural. No ano seguinte, retomei as aulas dando seguimento à conclusão dessa fase.

Depois de concluir o Ensino Médio, devido ao trabalho fui morar na cidade de Alagoinha-PB. Lá depois de ficar 3 anos sem estudar, fiz o vestibular e enfim o sonho começava a se realizar. Sempre longe dos familiares fui buscar a realização de meus objetivos. Assim que obtive o resultado positivo no vestibular, mais uma vez estaria me mudando, dessa vez para a cidade de Jacaraú-PB ainda trabalhando como doméstica. Comecei

o curso e já se passaram dias tristes e dias de glória. Mas o que importa agora, é que eu estou no lugar certo. Percorri muitos caminhos, enfrentei muitas dificuldades, mas não desanimei. Cheguei à cidade de Jacaraú - PB em 2010 e no ano de 2013 comecei a fazer parte do quadro do município. Durante os três primeiros anos trabalhei os dois períodos em escolas da zona rural, E.M.E.I.F Rosenildo Fernandes de Oliveira, E.M.E.I.F Anátide Paes Barreto e E.M.E.I.F Luíz Fernandes de Oliveira, onde obtive a certeza de que estava na profissão certa. Descobri ao longo dos dias que todas as experiências valeriam à pena.

Final de 2015, mais um desafio. Como reconhecimento do meu trabalho e para suprir uma necessidade, recebi o convite para estar à frente como gestora da E.M.E.I.F. Professora Neuza Medeiros Alves, do mesmo município, onde permaneci até dezembro de 2016, contribuindo com a educação do município. Após ser dispensada no final da gestão do então prefeito João Ribeiro, retornei a minha cidade de origem - Salgado de São Felix - PB, acolhida pelos meus pais, até que outras portas venham abrir-se.

A trajetória exposta, principalmente no que tange a minha atuação enquanto docente de História, e, posteriormente, gestora, contribuiu para a construção de algumas inquietações no que se refere ao ensino e, especificamente, acerca do ensino de História, muitas vezes, empreendido a partir de uma perspectiva metodológica alicerçada apenas na memorização de “grandes nomes” com seus feitos. Assim, é elencado como objetivo geral para o presente artigo compreender o ensino de História como instrumento para a formação crítica do educando. Para tanto busquei analisar as dificuldades de se trabalhar os conteúdos de História com alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, em um estudo de caso comparativo entre a teoria e prática, embasado na minha experiência em quatro escolas municipais da cidade de Jacaraú, no Estado da Paraíba.

Não sei se quem venha a ler o que escrevi, perceba o amor com que escrevi. Transcrevo nessas linhas, experiências diárias em sala de aula, os desafios enfrentados, os medos que senti e o desânimo que me sobreveio em virtude das dificuldades que enfrentamos. Mas, apesar de tudo, entendi a importância de um professor aos seus alunos, sabendo dos limites do mesmo, de suas fragilidades, das situações imposta pelo “sistema”, mas, para, além disso, a importância deste profissional que merece maior reconhecimento e que pode fazer um diferencial na educação.

Espero que tenham facilidade em entender as linhas aqui transcritas. Meu objetivo é dividir com os leitores essas experiências, acredito que ocorram semelhanças dessas experiências entre cada profissional.

2 MINHA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

A minha experiência como professora de história me traz muita felicidade, pois, eu pude construir e desconstruir ideias durante o percurso entre a teoria e a prática. Percebi também, o papel importante que o professor exerce para a sociedade.

Quando me veio o convite para exercer a função, eu tinha acabado de chegar à cidade. Não possuía nenhum vínculo parentesco, nem influência para tal chamado, já que na maioria das vezes, em cidades pequenas o apadrinhamento é visível. Quando o convite aconteceu eu trabalhava como doméstica há mais de onze anos e já tinha cursado mais de 50% do curso. Não hesitei em aceitar a proposta e dois dias seguintes eu já estaria suprimindo a necessidade do município. Em um primeiro momento, descobri algo novo, diferenciado no que se refere ao ensino de História. Antes, eu conhecia apenas o modo tradicional de ensinar História aquela forma mecanizada em que a maioria dos meus professores utilizava. Durante o curso, descobri que iria muito além disso. Ao ter o primeiro contato com a sala de aula percebi o desafio que teria que enfrentar para fazer com que os meus alunos conseguissem ter outra visão da disciplina, perceber a liberdade que a mesma me dá para questionamentos amplos sobre os acontecimentos diversos.

Confesso que foi um choque de realidade e que me assustou por um tempo. Porém, o amor pelo ofício e a necessidade da nova forma de conhecimento dos alunos foram o combustível para que eu estivesse todos os dias vencendo os desafios. Tornou-se uma troca de conhecimentos e ao utilizar uma linguagem clara, partindo da realidade de cada aluno e expandindo até aos conteúdos pré-selecionados, facilitava a compreensão do alunado e os instigavam a serem mais participativos. Fiz questão de me aproximar o máximo possível do aluno para que eu pudesse ter o controle da turma e ter um maior resultado no trabalho.

Optei por utilizar o livro didático diferente do que alguns profissionais da área costumavam utilizar. Dava aos alunos a oportunidade de construir ideias durante as aulas. A leitura coletiva era frequente, seguida da opinião de cada um deles e ali fazíamos aquele diálogo onde todos participavam. Inseria conteúdos transversais, utilizando, música, teatro, poemas o mais diverso possível, encaixando-os de acordo com os assuntos. Organizava competições entre a turma tendo como base conteúdos já explanados com a finalidade de verificar o conhecimento deles e através do jogo e, assim, cativá-los no aprendizado. Os conteúdos eram selecionados nos encontros bimestrais com todos os professores do município. Não eram poucas às vezes, em que se demorava chegar à conclusão de quais assuntos selecionar ou, até mesmo, de profissionais mecanizados trazerem conteúdos pré-

modelados e querer fazer com que os demais sigam o currículo sem uma discussão prévia com a participação de todos. Eu sempre estava em meio a polêmicas desse tipo por discordar totalmente de pertencer a tal grupo de profissionais. Sempre busquei transformar a concepção de que estudar História se resume apenas em receber informações de coisas velhas.

[...] Os debates mais significativos em torno dessa concepção tem sido realizado por pesquisadores franceses e ingleses, com divergências importantes e significativas entre eles. Existem os defensores da idéia de disciplina como “transposição didática” e os que concebem disciplina como um campo de “conhecimento autônomo”. (BITTENCOURT, 2009, p. 35, grifos da autora).

Estas ideias tem sido discutidas e reforçadas ao longo do tempo, e a figura do professor aparece como um intermediário desse processo de reprodução. A escola atua como mediadora no aprendizado desse aluno.

O que nos importa ressaltar aqui, é que essa seleção de conteúdos, na maioria das vezes, nos é submetida sem uma prévia discussão na escolha. Isso acontece mais do que imaginei, o que em minha opinião dificulta maiores resultados no ensino, e, anula literalmente a autonomia do professor, já que deveriam ser optados de acordo com as características de cada escola e de suas respectivas localidades.

Os conteúdos a serem escolhidos através do diálogo entre os professores devem ser esquematizados de acordo com a realidade de cada comunidade, o que vai variar de região para região. Após diálogo para escolha dos conteúdos, na maioria das vezes, chegava-se a conclusão e anexava ao plano de aula, conteúdos para serem trabalhados através de projetos e/ou até mesmo conteúdos a serem abordados aleatoriamente. Dentre os dias “D” existente no calendário sociocultural do município posso citar o **dia Mundial da Poesia**, onde dentro da nossa disciplina trabalhamos a poesia que retrata a vida no campo (realidade do meu alunado), **Dia das Mães** é retratado através do teatro e da música a realidade social em seus conflitos e a relação entre escola-família, **Projeto Junino** (acredito ser o mais destacado no município), ocorre uma grande mobilização da instituição, pois este já faz parte do calendário do município, toda comunidade acadêmica também está envolvida, mas vai além de meras apresentações. Em sala de aula fazemos uma profunda pesquisa sobre as danças, comidas típicas e sobre as regiões que festejam o São João. Trabalhamos também as lendas do **dia do Folclore** e dialogamos sobre o **Dia da Consciência Negra**, este último, nos aprofundamos na pesquisa e fazemos relação com os dias atuais refletindo sobre as mudanças e permanências que refletem na sociedade.

É bem verdade que nem sempre se consegue trabalhar todos os temas transversais, ou todos os conteúdos do programa. Acredito até que essa autonomia do professor em estar flexível a sua realidade deva existir, pois cada sala de aula tem um histórico diferente, uma necessidade diferente, portanto, há uma necessidade do professor criar, recriar, inovar e explorar cada turma de forma diferente.

É interessante ressaltar que em minha experiência docente, percebi maior interesse dos meus alunos por conteúdos que envolvam o conflito social como, por exemplo, o surgimento das civilizações, os conflitos religiosos, os Movimentos das diferentes regiões brasileiras (Conjuração Mineira e Baiana, etc), a Primeira e Segunda Guerra Mundial e a questão política no Brasil entre outros conteúdos. Como mencionei no parágrafo anterior, cada realidade de sala de aula é uma realidade distinta. Pode ser que em outras turmas, em outros espaços, com outros discentes, os conteúdos de maior interesse sejam outros. Acredito que o papel do professor de história será sempre desafiante. Além de prender a atenção dos alunos às questões do passado relacionando com o presente, fazer com que esse aluno consiga produzir nunca será uma tarefa fácil, mas é prazeroso. Não há sentimento maior do que através de sua competência o professor perceber que suas aulas incentivaram seus alunos a serem conscientes, protagonistas da própria história, quando esse aluno entende a luta das classes e sabe distinguir qual o seu papel na sociedade.

Sempre fico feliz quando os alunos que passaram por mim no período entre 2013 e 2016 dizem que aprenderam conteúdos há anos através de minhas aulas e que ainda colocam em prática essas reflexões. Com isso chego à conclusão que cumpri o meu papel.

Essas aulas não foram mera reprodução de um sistema arcaico, mas, uma construção e desconstrução em conjunto. Refletimos juntos durante as aulas, isso tem grande importância, pois estamos ligados a alunos na faixa etária dos 11 aos 18 anos, adolescentes que estão em formação e que o professor exerce grande influência sobre esse aprendizado. E esse aprendizado será levado por toda a vida desse aluno.

Outra discussão frequente ao se tratar da prática de ensino é a avaliação, já que segundo Bittencourt (2009, p.44) “[...] a avaliação, é essencial para se ter controle sobre o que é ensinado ou aprendido pelo aluno. Na avaliação reside o maior poder do professor”. Por isso, é tão discutida, em especial, sobre o modelo que deve ser adotado. Ao, meu ver, os métodos podem variar sem alterar os conteúdos, conteúdos esses, que obrigatoriamente teriam que ser pensados de acordo com a diversidade do alunado abrangendo as realidades de cada grupo pertencente à sociedade, e, devem ser construídos a partir do cotidiano e das relações entre professores e alunos.

No ensino da História, ao analisarmos o percurso de alguns livros didáticos, percebemos que se tratou, e, ainda se trata de uma peça chave devendo ser avaliado e analisado caso a caso, já que a maioria segue o que poderíamos chamar de um ensino tradicional que leva a reprodução de conceitos e a memorização como forma de aprendizagem. Há um progresso nas discussões levantadas pelos materiais didáticos. Os métodos do Ensino de História tem sido mais ativos como demonstra a autora Bittencourt (2009, p.105, grifo da autora): “Em oposição a essa linha conteudista, os defensores da ‘educação popular’, baseados em Paulo Freire, entendiam que a escola não podia ser apenas o local de transmissão de conteúdos valorizados pelos setores dominantes”.

A forma de avaliação durante a vida escolar, precisa também se distanciar da forma tradicional. A prova é o método mais utilizado. Deve-se se pensar na avaliação na produção e não na memorização. O trabalho em grupo (seminário), apresentação de teatro, a música trabalhada, o posicionamento do aluno em sala de aula deve ser observado e valorizado. Se tendo o cuidado necessário de selecionar o que é apresentado ao alunado deve se buscar outras fontes de informações que atraíam o olhar deste alunado: “[...] Utilizar as informações da mídia televisiva ou as provenientes da internet é fundamental na escola, mas o risco de, por conta disso, criar pessoas alienadas não pode ser ignorado” (BITTENCOURT, 2009, p.109). Tenho convicção de que seria mais produtivo avaliar o aluno por todas as atividades diferenciadas e aplicadas em sala de aula.

No diálogo no que se diz ao papel do professor e o ato de ensinar, me reporto à obra de Freire (1997), *Professora sim, tia não - cartas a quem ousa ensinar* -, obra que me transporta à uma compreensão clara de que ensinar é a profissão que envolve certa militância e especificidade no cumprimento da tarefa. Ser professor significa assumir uma profissão.

Com apenas quatro anos de experiência em sala de aula, exercendo a profissão em quatro escolas do município de Jacaraú-PB, vivenciei situações em que nossa classe precisou lutar constantemente para conseguir executar o seu trabalho. Um dos fatores foi à ausência de “suporte” ao profissional. A falta de material didático, as interferências políticas e os conflitos sociais eram, conseqüentemente, os maiores desafios que precisaríamos enfrentar para que pudéssemos observar os resultados do nosso compromisso com a profissão e com nosso alunado.

No início da minha vida acadêmica, desafiei um determinado professor que seria impossível exercermos nosso trabalho sem nos envolvermos com o aluno, emaranhar-se nas histórias em que tivéssemos conhecimento dos nossos alunos. No momento do diálogo, fui recriminada, mas continuo com essa afirmação reforçando-a diariamente. Agora, discordo

totalmente de que todo profissional da educação deve necessariamente exercer um papel de tia. Repito, não posso negar tamanha importância do professor na construção educacional do aluno, mas, me recuso a aceitar que está sobre ele a responsabilidade de suprir a “omissão” da família.

Muitas situações recorrentes nas escolas é a cobrança demasiada da função do professor, exigindo que o mesmo resolva todos os conflitos familiares e educacionais do aluno. A família tem estado ocupada demais com a correria do progresso, a vida capitalista tem exigido do indivíduo que alunos têm ficado só a ver navios passando a ter contato a tudo que venha o desestimular no aprendizado e que conseqüentemente o faça desmotivar o aprendizado.

A maioria dos pais, não tem controle dos filhos que não os respeitam. Nesse contexto muitos dos pais abrem mão de seus filhos jogando sob a escola a responsabilidade total em educar e encaminhar esses alunos a sociedade. Não vou aqui fomentar o discurso e estar jogando o *déficit* da educação brasileira de um lado para o outro. Recusar a identificação da figura do professor com a tia, não significa menosprezar a figura da tia, mas, entender que se assim fizer, estaremos retirando do profissional a responsabilidade por sua formação permanente.

Quando relacionamos a figura dos professores à tia, reforçamos a ideologia de que os tais como boas tias não devam brigar, rebelar-se, não devam fazer greve. Limitaríamos este profissional a aquela pessoa vulnerável, controlada pela administração pública, marionetes de um esquema político, amordaçados pelas figuras públicas. Já viu “tias” fazendo greve, prejudicando o aprendizado dos seus sobrinhos? Esse discurso tem sido enfatizado cada vez mais nos dias atuais, em que toda e qualquer forma de reivindicações sindicais é tida como irresponsabilidade, de desamor aos alunos.

O professor precisa de condições básicas para exercer seu trabalho, o que nem sempre é cumprido pela máquina pública. Às vezes, o professor deve reformular seu planejamento para conseguir colocar em prática seus conteúdos. Mas com um pouco de determinação, vamos superando os desafios e obtendo resultados do nosso esforço profissional. Devamos sempre, acreditar no ser humano (indivíduo), na Educação Brasileira. Acreditar que poderemos contribuir de forma fundamental para nossa sociedade.

3 EXPERIÊNCIA ENQUANTO GESTORA DA ESCOLA

3.1 Estrutura da escola e experiências desafiadoras

Depois de três anos seguidos trabalhados em escolas na zona rural do município de Jacaraú - PB, prestando serviço como “contratada” deste município, recebi o convite para estar à frente da direção da E.M. E. I. F. E. Professora Neuza Medeiros Alves, a maior escola do município que fica na zona urbana.

Composta por 14 salas de aulas onde atendia turmas do Infantil até o 9º ano do ensino fundamental. Pela manhã atendia do Pré I ao 9º ano e à tarde atendia as turmas do Pré I ao 5º ano do fundamental I, sendo um total de quase 700 alunos.

Disponha ainda de 1 auditório para atender os eventos à serem realizados como reuniões de pais e mestres, além de atender à toda comunidade nos finais de semana. Uma biblioteca de tamanho proporcional à nossa demanda; quatro salas depósito onde arquivávamos os documentos e materiais gerais; uma cozinha onde preparávamos toda a alimentação de alto teor nutritivo, pois, o município utilizava o projeto da agricultura familiar, acompanhada por uma nutricionista.

O prédio foi construído no ano de 2008 ainda na gestão da senhora ex-prefeita Cristina. A estrutura da escola é considerada a mais ampla entre as escolas do município, por esse motivo era sempre requisitada para a realização de eventos de forma geral entre a população. Apesar da amplitude e de ter iniciado uma reforma para reparos no final de 2015 logo após minha chegada à escola como gestora. Enfrentamos várias dificuldades, pois a reforma nunca chegou a sua conclusão e os desafios aumentavam diariamente.

Uma escola com todo tipo de desafios que possamos imaginar, continha dívidas que chegavam a vinte mil reais, devido ao NÃO repasse da parcela do imposto de renda que era feito por um contador representando todas as escolas do município, já fazia quatro anos que a escola não recebia o valor do PDDE que chega a ser doze mil reais anual. Atendia a um alunado em situação conflituosa e pais incompreensíveis que adentravam a escola apenas para agredir a equipe pedagógica. Mesmo contornando toda essas situações, em um determinado momento em que eu como gestora da instituição, precisei advertir três alunos e devido a gravidade da situação suspendi-os por três dias das aulas, a questão é que estávamos às véspera da eleição e essas mães se acharam no direito de vir reclamar da minha decisão. Fui ameaçada pediram pra me exonerar da função e de fato foram até a Secretaria de Educação e fizeram a exigência. Nesse momento me senti desvalorizada e preocupada à que pés andava a nossa situação educacional, impossibilidade/limitação de uma gestão democrática, no momento em que eu ainda estava me desdobrando pra contornar as situações no meu local de trabalho, recebi a ligação da secretária onde a mesma exigiu que eu voltasse atrás da decisão.

Eu, humildemente pedi desculpas à renomada secretária, esclarecendo que estava agindo conforme o regimento interno e a autonomia que a mim era por direito. Isso me trouxe algum mal estar e conseqüentemente uma frustração diante a profissão. Não voltei atrás da decisão, mas, confesso que não foi fácil agir assim.

O discurso de que não se deve pôr limite, vem se propagando por grande parte das famílias com filhos em escolas privadas e porque também não dizer, grande parte das famílias com alunos na escola publica. Porém, professores e professoras em greve, através do seu testemunho de luta, estão dando aos seus alunos, lições de democracia (de que tanto precisamos neste país).

A minha recusa da ideologia da relação da professora à tia é desprovida de arrogância. Nesta posição de militância, é indispensável entendermos que essa não é uma luta individual, mesmo que em algumas das situações, perseguições mesquinhas por motivos pessoais, questões da causa própria, por isso mesmo devamos estar ao lado de nossos companheiros profissionais, desafiando também os órgãos da categoria para que deem o bom combate.

Mas, como gestora, percebi numa maior dimensão, a importância que temos para o nosso alunado. Durante um ano e três meses em que passei à frente da escola, tive as maiores experiências da profissão. Passei a enxergar toda a burocracia existente entre a teoria e a prática da educação.

Também vivenciei momentos de muita realização pessoal e profissional. Destacávamo-nos na realização dos projetos, a equipe pedagógica dava as mãos para que tudo fosse realizado, era incrível a competência com que cada um unia as mãos. É bem verdade, que também existiam conflitos entre funcionários, porém, nunca precisei acionar meus superiores para agir por mim. Desde a minha chegada à instituição deixei claro a todos que a única camisa que eu usava era a da educação, não admitia nenhuma situação que viesse prejudicar os meus alunos. Tive dificuldades em colocar em prática o Regimento Interno, mas, nada que com o tempo e uma linguagem clara não o fizesse.

Deparei-me com alunos em situação de abandono, mas, ao encaminharmos aos órgãos responsáveis vimos os problemas sendo contornados. Com a influência do cargo que exercia consegui ajudar mais alguns casos com que nos deparamos.

Em contrapartida, me senti muito pressionada pelo “tal sistema”. Os governantes da máquina pública que ditam as regras e exercem grande influência através do jogo político, enquanto nós precisamos nos desdobrar e conseguir contribuir da melhor forma o máximo que puder. Eu causei alguma insatisfação aos superiores por não cumprir todas as determinações

de imediato, mas logo depois, percebiam que era sempre para o bem dos alunos e da educação do município.

Eu sempre busquei conscientizar os pais e responsáveis dos alunos os trazendo para debates internos sobre o papel da escola e da família na vida do indivíduo. Em alguns encontros trazia esclarecimentos como Mário Sérgio Cortella, professor e educador, nos traz sobre essa questão. Em suas palestras¹ esclarece segundo as suas ideias o papel da escola e o da família, ambas, em conjunto, contribui na formação do alunado.

A escola contribui na educação do seu filho, porém, é função da família exercer esse papel, em primeiro lugar, e do poder público em segundo. Vale ressaltar, que a escola não se abstém dessa formação. É a escola que deve contribuir não só na educação dos filhos como também na formação dos pais, porque uma parcela dos pais está perdida. Tem que haver uma parceria entre a família, o poder público e a escola.

A família em nome de um “carinho” tem deixado de agir com firmeza e isso tem contribuído para a má formação do caráter do indivíduo e o que tem acontecido nos últimos dias, são crianças revoltadas com os professores, funcionários e todo corpo escolar, por encontrar autonomia apenas na escola (lembrando da diferença entre autonomia e autoritarismo). É visível o aumento de casos de alunos agredindo os seus professores. Ainda como agravante, são os pais de alunos que chegam até a escola para “brigar”, desrespeitar o profissional, questionando a possível reprovação por falta, a nota baixa, ou a reclamação que o filho fez em casa do professor, por se utilizar de regras cobrando do aluno uma responsabilidade que eles não exercem em casa por omissão da família.

Tendo como fonte de pesquisa alunos de escolas públicas, vejo o caos em que estamos vivenciando na educação nos últimos anos. Alunos totalmente desinteressados, capazes de confrontar professores e equipe pedagógica, querendo impor suas próprias regras. Faz-se necessário, uma ação em conjunto. A família fazendo o seu papel na construção do caráter do indivíduo, sendo auxiliada pelo poder público e pela escola.

Entendermos as políticas educacionais hoje não é uma tarefa fácil, uma das preocupações que se tem tido nas discussões levantadas é sobre as classes sociais. É bem verdade que a educação nesses últimos anos tem tido grandes ganhos para se ter melhor desempenho. Mas a pergunta que sempre me faço é: será que esse ganho tem sido colocado em prática ou apenas está na teoria como o “melhor” modelo de educação a ser seguido? São

¹ Dentre as palestras do referido educador que serviram de norte para conduzir nossas reflexões, podemos destacar *Educação x Escolarização*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FNEN3eJ8_BU>. Acesso em 12 mar. 2017.

questões como essa que me fazem refletir sobre a nossa realidade. Quando menciono “realidade” me refiro à realidade de muitos que acabam sendo minorias na hora de ser favorecidos.

Se estivermos conscientes da necessidade que há na educação básica em melhorar as condições de ensino, pensaríamos em primeiro plano, investir na formação de educadores para estarem aptos para a realidade que irão enfrentar e não apenas fomentar essa preocupação de apenas seguir o modelo tradicional que o sistema nos apresenta, pois é fácil perceber que a educação que os alunos da escola pública recebem não é a mesma que o aluno da escola privada recebe. Por que todas as ferramentas utilizadas para exercer tal função não são equiparadas? Isso dificulta cada vez mais que o aluno de escola pública obtenha na mesma proporção os mesmos resultados. Vemos claramente isso se confirmar ao analisarmos os índices de alunos no ensino superior.

Para mim, é conflitante também, entender como pode funcionar de verdade esses programas criados pelo governo (a exemplo, ENEM, ENADE...) como forma de avaliação da educação, por um lado um sistema que deixa dúvida quanto à sua coerência teórica e política, e do outro, projetos para atender um presente congelado. O que funciona mesmo é o interesse político dos envolvidos.

O caminho a se percorrer para avançar nos bons resultados em primeiro plano, será investir cada vez mais na formação dos profissionais. Um professor satisfeito ele produz mais e seu entusiasmo se estende aos alunos e a instituição como um todo colhe os resultados. O trabalho para dar certo tem que ser feito em conjunto, cada um na sua especificidade. Como Gestora aprendi a compreender a todos e chegar ao meio termo na execução das atividades de cada funcionário.

4 CONCLUSÃO

Durante os quatro anos que estive contribuindo com a educação do município de Jacaraú-PB, foram fundamentais para minha vida profissional. Como professora, percebi as dificuldades que temos que enfrentar e os desafios a serem superados. O desafio maior será se distanciar do modo tradicional de ensinar, permitindo ao aluno a capacidade de produzir, construir e desconstruir os acontecimentos recorrentes da sociedade. Ensinar e ao mesmo tempo aprender com seus alunos. Antes de qualquer coisa, ficou claro pra mim que estaria na função certa. Sinto-me realizada em ser um canal para que uma criança/adolescente descubra o percurso para o conhecimento. Exercemos grande influência sobre o aluno, temos a

oportunidade de orientar esse aluno em questões da sociedade, lhe concedendo informações como suporte na sua caminhada, tendo um olhar reflexivo sobre as questões sociais, vivendo como indivíduos autônomos. Acredito que essa tenha sido minha maior realização. Embora haja uma grande diferença entre o período como gestora, onde detinha maior controle nas decisões da instituição, a função do professor sempre vai ser mais prazerosa, pois estamos em contato diretamente com o aluno, temos a sensação de maior liberdade na produção das ideologias.

Acredito que o período que exerci a função de gestora, foi importante também, pois vai me auxiliar no conhecimento das leis educacionais exercidas, compreenderei melhor o sistema público educacional e a influência que obtive foi proveitosa na defesa da nossa classe. Confesso que também me senti realizada, lidar com o público, dialogando sobre as problemáticas sociais e principalmente, contribuindo nessa construção social me traz uma sensação de liberdade, de dever cumprido e também de útil. Mas, se tivesse que escolher, optaria em ser professora, ofício de sacrifícios, mas também, de muitas conquistas.

HISTORY TEACHING AND THE TREATMENT WITH THE LOCAL HISTORY: A LOOK AT THE EXPERIENCES EXPERIENCED IN FOUR MUNICIPAL SCHOOLS OF JACARAÚ-PB

ABSTRACT

The objective of this work is to understand the teaching of History as an instrument for the critical formation of the student. In order to do so, I tried to analyze the difficulties of working with the content of History with students from the 6th to the 9th year of Elementary School II, in a comparative case study between theory and practice, based on my experience in four municipal schools in the city of Jacaraú, in the State of Paraíba. It is an attempt to offer subsidies to professionals who seek new ways of acting in the discipline of History, contributing to the critical formation of the learner, giving them the conditions to rescue the experiences of everyday life, analyzing them and establishing relationships between them, In a space-time dimension. Theoretically, we use authors such as Bittencourt (2009) and Freire (1997) to base the reflections undertaken in this article. The performance as a manager and teacher of History allowed us to understand the need to construct educational practices that are in accordance with the realities, experiences and place of the student, as well as the community in which the school is located. But than students who decorate content, it is important to constitute citizens who have the ability to problematize and question their historical and social realities.

Keywords: Practice. Teaching. School. Student and Teacher.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

ANEXO A – FOTOGRAFIAS DOS PROJETOS REALIZADOS

Imagem 1: Peça Teatral “Dia das Mães”



Fonte: Acervo da autora, 2013

Imagem 2: Alunas e ex-alunas na apresentação da Páscoa



Fonte: Acervo da autora, 2016

Imagem 3: Apresentação acrobática comemorando o dia do estudante



Fonte: Acervo da autora, 2016

Imagem 4: Abertura do Curso PROERD ministrado pelo policial Visnei – GB aos alunos do 5º ano



Fonte: Acervo da autora, 2016

Imagem 5: Alunos na apresentação do dia do estudante



Fonte: Acervo da autora, 2016

Imagem 6: Apresentação do Carimbó



Fonte: Acervo da autora, 2014

Imagem 7: Teatro sobre o Bullying



Fonte: Acervo da autora, 2014

Imagem 8: Apresentação de capoeira



Fonte: Acervo da autora, 2014

Imagem 9: Visita a Estação Cabo Branco



Fonte: Acervo da autora, 2014

Imagem 10: Alunos do Ensino Fundamental II visitando o Parque Arruda Câmara (Bica)



Fonte: Acervo da autora, 2014

Imagem 11: Dia do Estudante (da direita para a esquerda: Maestro Marcos; dir. geral da educação Dr. Joel Nunes; Diretora Cicleide e Supervisora Verônica Damascena)



Fonte: Acervo da autora, 2016

Imagem 12: Dia do estudante com professoras do Infantil



Fonte: Acervo da autora, 2016

Imagem 13: Planejamento Bimestral. A Gestão dando auxílio aos professores



Fonte: Acervo da autora, 2016

Imagem 14: Ação social durante a gincana cultural



Fonte: Acervo da autora, 2016

Imagem 15: II Arraiá da Tia Neuza 2016



Fonte: Acervo da autora, 2016

Imagem 16: Formatura do Ensino Fundamental II 2016



Fonte: Acervo da autora, 2016

Imagem 17: Formatura do Ensino Fundamental II 2016



Fonte: Acervo da autora, 2016

ANEXO B – FOTOGRAFIAS DIVERSAS

Imagem 1: Portal da cidade de Jacaraú - PB



Fonte: Acervo da autora, 2014

Imagem 2: Prefeitura Municipal de Jacaraú - PB



Fonte: Acervo da autora, 2013

Imagem 3: E.M.E.I.F. Rosenildo Fernandes de Oliveira



Fonte: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=707559965982176&set=pcb.516369111829146&type=3&theater>>, 2014

Imagem 4: E.M.E.I.F. Anatilde Paes Barreto.



Fonte: <<http://emeifapbarreto.blogspot.com.br/p/funcoes.html>>, 2013

Imagem 5: E.M.E.I.F. Prof. Neuza Medeiros Alves



Fonte: <<http://escolaneuzamedeiros.blogspot.com.br/>>, 2011

ANEXO C - CALENDÁRIO ESCOLAR DAS DATAS COMEMORATIVAS

	DATAS	AÇÕES PLANEJADAS
FEVEREIRO	23 A 27	SEMANA PEDAGÓGICA
MARÇO	13	EXPOSIÇÃO DE POESIAS (Dia Mundial da Poesia)
ABRIL	SEMANA DA PÁSCOA	PROJETO PÁSCOA
MAIO	10	DIA D (Dia das Mães)
JUNHO	PERÍODO JUNINO	PROJETO JUNINO
JULHO	27 A 31	JOGOS ESCOLARES
AGOSTO	09	DIA D (Dia dos Pais)
	ESTUDANTE (11)	DIA D
	FOLCLORE (22)	PROJETO/DIA D
SETEMBRO	PÁTRIA (07)	PROJETO / DIA D
OUTUBRO	CRIANÇA (12) / PROFESSOR (15)	DIA D
	SEMANA DA NUTRIÇÃO (3ª SEMANA)	PROJETO
	SEMANA CULTURAL (3ª SEMANA)	PROJETO
NOVEMBRO	CONSCIÊNCIA NEGRA (20)	DIA D
DEZEMBRO	NATAL (25)	PROJETO

ANEXO D – RELATÓRIO DE ENTREGA DA GESTÃO



ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE JACARAÚ
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
E.M.E.I.F. Prof.^a NEUZA MEDEIROS ALVES - 25086855
Rua João Batista de Carvalho, S/Nº - São José. Jacaraú/PB

CÓDIGO: CNPJ- 09629345/0001-83

QUANTIDADES DE SALAS: 14 salas de aulas; 1 auditório; 1 biblioteca; 4 salas depósito; 1 cozinha.

RELAÇÃO DOS BENS EXISTENTES NA ESCOLA: 35 Bancas azuis; 38 cadeiras azuis; 65 bancas amarelas; 63 cadeiras amarelas; 97 bancas vermelhas; 85 cadeiras vermelhas; 138 carteiras; 40 carteiras (sem braço) pequena; 40 cadeira de plástico; 14 mesa de professor; 2 mesas de plástico; 7 estantes; 4 armários de zinco; 2 armários de cozinha; 2 fogões; 1 geladeira; 2 frizer (1 está no depósito de merenda da secretaria de educação); (Inativo-11 CPU; 9 estabilizadores; 17 monitores positivo; 4 xalingo; 2 balanças portáteis CAUMAQ; 1 monitor AOC; 13 teclados de monitores; 2 fontes positivo; 2 impressoras); 8 caixas de som profissional speaker; 4 caixas de som waldman; 1 amplificacor Unic; 1 data show DIEBOLD; 1 TV Led STI nº 1641; 1 TV Semp Toshiba nº 1640; 1 microsystem PHILCO; 1 microsystem Toshiba; 1 data show NEC nº 1655; 4 tripé Waldman; 1 tela data show grande; 1 microsystem Waldman; 2 microfones sem fio VHF; 1 lousa digital pregão eletrônico nº 72/2011; 1 mesa de som Waldman 12 canais; 1 mesa XENYX1202FX 12 canais; 2 microfones sem fio; 6 lupas + 3 lentes; 2 cones de 50 cm; 3 geláguas; 1 armário 2 portas nº 1639; 1 estante média; 2 bancas de alunos especiais; 1 mesa redonda; 7 cadeiras pretas; 2 monitores LG; 2 CPU Itautec; 2 teclados Itautec; 3 esbilizadores; 1 impressora Epson STYLUSTX620FWD (concerto).

RELAÇÃO DE PROGRAMAS DESENVOLVIDOS NA ESCOLA: PDDE; Escolas Sustentáveis e Novo Mais Educação (adesão recente).

SITUAÇÃO DO PRÉDIO: passou por uma reforma que teve inicio em novembro de 2015.

SITUAÇÃO DO CONSELHO ESCOLAR: Atualizado. Data do fim do mandato: 10 de abril de 2017.

RELAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS EFETIVOS:
QUADRO DE FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA NEUZA MEDEIROS ALVES.
DIRETORA: CICLEIDE TEREZA DA SILVA.

FUNÇÃO	NOME
AGENTE ADMINISTRATIVO	CRISTIANE ANDRÉIA FERNANDES DE OLIVEIRA.
AUX. ADMINISTRATIVO	MARIA NEIDE DA COSTA FIDELIS ROSINEIDE

	JANUÁRIO
SERVIÇOS PEDAGÓGICOS	CASSIA FRANCISCA ELIENE DE OLIVEIRA C. VITORINO BENETH
SUPERVISORA	MARIA VERÔNICA M. DAMASCENA
PORTEIRO	MANOEL DE JESUS (NEL) RAIMUNDA
INSPETORA	MARIA ALZENIRA G. DA SILVA SILVIA PATRICIO DE OLIVEIRA
MERENDEIRAS	SEVERINA PEREIRA DE OLIVEIRA MARIA DO CARMO O. SANTANA MARIA DOS P. DE OLIVEIRA
SERVIÇOS GERAIS	MARIA LENILDA DOS SANTOS ALTANIZA ALVES DE SOUZA
BIBLIOTECA	MARINA IRINEU

**QUADRO DE PROFESSORES DA ESCOLA NEUZA MEDEIROS ALVES.
DIRETORA: CICLEIDE TEREZA DA SILVA.
TURNO: MANHÃ.**

TURMAS	PROFESSORES (AS)
MATERNAL/PRÉ I	ZANANDREIA RIBEIRO DE FARIAS. VANUZA
PRÉ II	ROSENIR FELIX ROSEANE PEREIRA
PRÉ II	(CONTRATO)
1º ANO	HELENA SANTOS.
2º ANO	RAQUEL LUCAS

PROFESSORES II FASE:

PROFESSOR	DISCIPLINA
CLEONILDA FERNANDES DA SILVEIRA	CIÊNCIAS
LÍVIA	ED. FÍSICA
JEANE DOS SANTOS.	PORTUGUÊS/INGLÊS
JOANA D'ARC DIAS COSTA	MATEMÁTICA
JOSÉ AUGUSTO DE OLIVEIRA FILHO	GEOGRAFIA
LINDINÉIA AMARAL DA SILVA	ARTES
LINDOMAR AMARAL DA SILVA	MATEMÁTICA
MARILENE RODRIGUES	PORTUGUÊS
ROSICLEY ALVES DA SILVA MADRUGA	ED. RELIGIOSA/ARTES
STEFFANY JORGE BARBALHO	INGLÊS
(CONTRATO)	HISTORIA
(CONTRATO)	ARTES/CIENCIAS/HISTORIA

TURNO: TARDE.

TURMAS	PROFESSORES (AS)
PRÉ I	ALDENICE DE OLIVEIRA NASCIMENTO. ROSEANE PEREIRA
PRÉ II	MARIA PENHA DA SILVA. (CONTRATO)
PRÉ II	MARIA JOSÉ (MOÇA) MARIA DAS GRAÇAS S. PESSOA.
1º ANO	HELENA SANTOS.
2º ANO	INÊS LUÍZ MARQUES.
2º ANO	ANA LUCIA GOMES DA COSTA.
3º ANO	(CONTRATO)
3º ANO	(CONTRATO)

3º ANO	RAQUEL LUCAS
4º ANO	PROFº JOSÉ CARLOS PESSOA.
4º ANO	PROFº MARIA DO CARMO SILVA.
4º ANO	PROFº ADILSON TETEO.
5º ANO	PROFº CRISTIANO
5º ANO	MARIA EDNA GERÔNIMO.

MATERIAL DE EXPEDIENTE: 1 enxada; 1 ciscador; 1 pá; 5 cx. De descarga; 17 vasos de plástico/jardim; 5 pares de bota; 8 colchonetes; 1 barra de apoio integral; 4 válvulas de descarga; 1 chuveiro; 1 mesa de xadrez com duas cadeiras; 1 cerrote;

DIDÁTICO: 7 cx. De ofício; 1 cx. Alfinetes niquelados; 3 almofadas para carimbo; 8 apagadores para quadro; 20 arquivo fácil polibras; 2 bolas futsal; 2 bolas handebol; 2 bolas vôlei; 2 bolas basquete; 50 borracha ponteira; 2 caderno brochura; 2 calculadora; 1 cx. Caneta compactor; 50 cartolina comum; 30 chamequinho A4; 6 cx. Clipe galvanizado; 3 tubos de cola branca 500 g; 20 cola branca 90g; 10 cola de isopor PVA; 18 cola bastão; 2 pc cola quente; 50 coleção Neo pen mirin; 25 corretivo líquido; 15 emborrachado com glitter; 35 emborrachado cores variadas; 100 envelopes; 15 estiletes grandes; 7 etiquetas A4; 2 extrator de grampo; 5 fita adesiva dupla face; 5 fita adesiva larga; 10 fita crepe; 20 gizão de cera; 5 grampeador greenlogic; 3 cx. Grampo cobreado 26/6; 10 jogo de xadrez e dama; 100 lapis de cor com 12; 2 cx. Lápis grafite; 2 livros de Atas; 20 marcador para quadro branco; 1 molha dedo; 4 pc papel camurça; 60 folhas de papel madeira; 25 pincel atômico pilot; 20 pincel leonora; 2 pc pistola cola quente; 4 reabastecedor quadro branco; 40 regua cristal; 1 cx. Tesoura colorida; 2 tesoura 21 cm start; 20 unid. Tinta guache cores variadas; 2 tinta para almofada; 10 m de TNT...

COZINHA: 1 liquidificador industrial 6 litros; 2 bacia Merconplas grande; 2 bacia Merconplas média; 2 bacia Merconplas pequena; 1 bacia plasvace pequena; 350 pratos vermelhos; 350 colheres vermelhas; 92 pratos azul; 123 copos; 2 peneiras raza; 13 pratos floridos; 6 taxos; 2 escorredores; 34 garfos; 16 talheres de inox; 3 cuscuzeira; 8 sadeiras; 4 tábuas de carne; 4 colheres de pau(grande); 2 jarra de suco de plástico; 4 peneiras de plástico; 1 garfo grande; 2 concha grande; 2 ralador de alho; 2 garrafas; 12 copos de plástico verde (novo); 1 pilão de plástico (pequeno); 3 bandejas de plástico; 1 tapoé lilás;

MATERIAL DE LIMPEZA: 14 Vassouras; 10 ródos; 4 cx. De água sanitária tubarão; 4 fardos de desinfetante; 1 cx. De polidor de alumínio; 2 cx. De detergente limpol; 8 pc. de sabão em barra VEM; 6 fardos de papel higiênico Vison; 65 unid. Sabão em pó TIXAN; 18 pc. de fósforo.

OBS: Segue em anexo os BOs que comprovam alguns dos arrombamentos que a escola enfrentou e cópias de atas do Conselho.

Jacaraú, 28 de novembro de 2016.

CICLEIDE TEREZA DA SILVA
Gestora Escolar